

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**THAIS DE SOUZA CANTO**

**REFLEXÕES SOBRE A OBRA “O CLUBE DA FELICIDADE E DA  
SORTE” DE AMY TAN**

**JARDIM-MS  
2012**

**THAIS DE SOUZA CANTO**

**REFLEXÕES SOBRE A OBRA “O CLUBE DA FELICIDADE E DA  
SORTE” DE AMY TAN**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português- Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dra. Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros

**JARDIM-MS  
2012**

THAIS DE SOUZA CANTO

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS-INGLÊS**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**REFLEXÕES SOBRE A OBRA “O CLUBE DA FELICIDADE E DA  
SORTE” DE AMY TAN**

**APROVADO EM:** \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

---

Orientador: Prof. Dra.  
Adriana Lúcia de Escobar  
Chaves de Barros  
UEMS

---

Prof. Msc. Roseli Peixoto G. Martinez

---

Prof. Dr. Luis Otávio Batista

Para os meus amados pais, Casimiro Camara Canto e Olézia Judite Marquetti de Souza, sempre presentes na minha vida e para Mário Roni Alves Loureiro pelo o seu amor e companheirismo.

Canto, Thais. Reflexões sobre a obra “o clube da felicidade e da sorte” de Amy Tan / Thais de Souza Canto. Jardim: UEMS, 2012. Vinte e nove f. p.; 30 cm.

**Bibliografia**

Monografia de Graduação – Curso de Letras  
Habilitação Português-Inglês – Universidade Estadual  
de Mato Grosso do Sul.

1. Mulheres chinesas
2. Mulheres americanas
3. Relação mãe-filha

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) somente para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

---

THAIS DE SOUZA CANTO

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus pela benção alcançada;

À minha família, em especial, aos meus pais, Casimiro e Olézia por incentivarem meus estudos e acreditarem em mim;

A Mário Roni Alves Loureiro, pela compreensão, dedicação amor e carinho;

Às minhas amigas Ryane Alcântara Santos, Wanda Kely Soares Iahn, Natálie Dutra dos Santos, Josiane Pacheco Soares, Marcela Cristina Xaves Gonçalves e Ana Paula Coradelli, que sempre me ajudaram fazendo com que eu não desistisse dos meus objetivos;

À Professora Doutora Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros, pela sua dedicação, carinho, competência, incentivo, paciência, confiança e principalmente pelo amor em ensinar;

Enfim, agradeço a todos que, de uma forma ou outra, contribuíram para a realização deste trabalho;

If you can't change your fate,  
change your attitude.

**Amy Tan.**

## RESUMO

CANTO, Thais. **Reflexões sobre a obra “O Clube da Felicidade e da Sorte” de Amy Tan.** 2012. Vinte e Nove f. TCC (Graduação) – Curso de Letras hab. Port. Ingl., Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim, 2012.

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a obra “O Clube da Felicidade e da Sorte” de Amy Tan, buscando entender as relações de mães e filhas estabelecidas entre suas personagens femininas. A estória concentra-se na vida de quatro mães chinesas e suas filhas americanas que estão em desacordo entre elas. Nenhuma dessas filhas nascidas nos Estados Unidos, ouve, compreende, ou respeita o poder, a força e a sabedoria de suas mães chinesas. Cada uma delas vê o comportamento de suas mães como de outro continente e tem vergonha de suas “maneiras estranhas”. No primeiro capítulo, são apresentados conceitos sobre a literatura sino-americana. No segundo, a vida e as obras de Amy Tan. No terceiro, o resumo da obra. No quarto, suas personagens femininas. Depois são apresentadas minhas reflexões, como pesquisadora e, por fim, as considerações finais. Através da vida dessas mulheres, podemos identificar trechos da vida da autora e das nossas próprias. Este livro fala sobre a dinâmica dos laços familiares, enfocando o relacionamento entre mães e filhas e mostra, de forma pungente e sábia, como o tempo e o amor podem “suavizar arestas”.

Palavras-chave: mulheres chinesas; mulheres americanas; relação mães-filhas;

## ABSTRACT

CANTO, Thais. **Reflexões sobre a obra “O Clube da Felicidade e da Sorte” de Amy Tan.** 2012. Twenty-nine f. TCC (Graduação) – Curso de Letras hab. Port. Ingl., Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim, 2012.

This paper aims at reflecting on the work "The Joy Luck Club" by Amy Tan, seeking to understand the mothers and daughters relationship between the female characters. The story focuses on the life of four Chinese mothers and their American daughters who are in disagreement with each other. None of these daughters was born in the United States and they do not listen, understand, or respect the power, the strength and wisdom of their Chinese mothers. Each one sees their mothers' behavior as from another continent and they are ashamed of their "strange ways". The first chapter presents concepts on the Chinese-American Literature. The second one presents Amy Tan's life and books. The third one presents the summary of the story in context. The fourth one shows the female characters. After that, my reflections as the researcher, and finally my concluding remarks. Through the lives of these women, we can identify parts of the author's life and ours. This book is about the dynamics of family ties, focusing on the relationship between mothers and daughters, showing how time and love can "soften edges".

Keywords: Chinese women; American women; mothers-daughters relationship;

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. A LITERATURA SINO-AMERICANA .....	12
2. VIDA E OBRAS DE AMY TAN .....	13
3. RESUMO DA OBRA.....	16
4. PERSONAGENS FEMININAS.....	19
5. REFLEXÕES SOBRE A OBRA .....	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	29

## INTRODUÇÃO

“O Clube da Felicidade e da Sorte” conta a estória de quatro mães nascidas na China e suas quatro filhas americanas, focando suas relações mãe-mãe, mãe-filha, e filha da filha. Contadas como lembranças do passado e relatos do presente, essas estórias dizem muito sobre como as mulheres chinesas são ensinadas, o que pensam de si, e como deveriam moldar as suas vidas.

As quatro mães vieram para a América para fugir dos horrores da guerra, esperando encontrar prosperidade. Com elas, trouxeram os ensinamentos sagrados do taoísmo e confucionismo, através dos quais, muito pouco da tradição deve ser dito explicitamente de mãe para filha, mas observada e absorvida. Já as filhas americanas foram ensinadas sob os dogmas da igreja cristã. Inicialmente, percebemos que as mães lutam para passar a cultura chinesa para elas.

Apesar das filhas estarem na casa dos trinta, idade na qual as pessoas já devem estar independentes de seus pais e vivendo suas próprias vidas, ainda lutam para construir identidade própria. Assim, as mães acabam percebendo que é chegado o momento de fazer as coisas certas para as suas filhas, antes que seja tarde demais, deixando-as livres para escolherem seus próprios destinos.

Os aspectos culturais deste livro mostram como é difícil para os pais, criarem seus filhos em uma sociedade diferente da deles. A formação cultural chinesa de mulher submissa é revelada por meio das estórias das mulheres mais velhas, as quais aprenderam que “as meninas deviam ser quietas e obedientes ou seriam a vergonha de suas famílias”. Nessa obra, Tan mostra que as mães, já mais velhas, amadurecem suas antigas concepções e passam a querer que suas filhas tenham voz, façam suas próprias escolhas e sejam fortes.

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo refletir sobre a obra “O Clube da Felicidade e da Sorte” de Amy Tan, buscando entender as relações de mães e filhas estabelecidas entre suas personagens femininas. No primeiro capítulo, são apresentados conceitos sobre a literatura sino-americana. No segundo, a vida e as obras de Amy Tan. No terceiro, o resumo da obra. No quarto, as personagens femininas. Depois são apresentadas minhas reflexões, como pesquisadora e, por fim, as considerações finais. Através da vida destas mulheres, podemos identificar trechos de nossas próprias estórias.

## 1. A LITERATURA SINO-AMERICANA

Segundo Guiyou Huang (2006), a Literatura Sino-americana é um conjunto de obras literárias produzidas nos Estados Unidos por escritores da China. O gênero surgiu no século XIX e floresceu no século XX, com autores como Sui Sin Far, Chin Frank, Maxine Hong Kingston e Amy Tan.

Alguns temas são comuns dessa literatura, tais como, os desafios de assimilação na sociedade americana branca por americanos chineses, além da interação entre as gerações mais velhas, nascidas na China, e as novas, nascidas nos Estados Unidos, como no livro em questão.

Apesar de muitas obras terem sido escritas no século passado, a literatura sino-americana só passou a ser estudada recentemente, pois como eram escritas em chinês, não eram de fácil acesso. Os primeiros escritores sino-americanos eram principalmente trabalhadores e estudantes, que produziam autobiografias, romances e poemas, a maioria em cantonês.

Segundo, Russell C. Leong (2009), no século XX a Literatura Sino-americana passou a ser escrita quase que exclusivamente em Inglês. Edith Maude Eaton, escrevendo como Sui Sin Far, foi um das primeiras autoras sino-americanas a publicar ficção em Inglês. Suas obras, publicadas pela primeira vez na sua adolescência, foram redescobertas e reimpressas em 1995.

Os autores sino-americanos tornaram-se mais frequentes e aceitos após a anulação do Ato de Exclusão Chinesa, em 1943, que restringia a entrada de imigrantes chineses nos Estados Unidos.

Assim, que “O Clube da Felicidade e da Sorte” de Amy Tan foi publicado, obteve popularidade imediata e ampla. O livro permaneceu na lista de best-sellers do *New York Times* por mais de quarenta semanas. Foi também produzido como um filme em 1993, e nomeado o melhor nessa categoria.

## 2. VIDA E OBRAS DE AMY TAN

Conforme informações do seu site pessoal, Amy Tan é uma escritora americana, filha de imigrantes chineses, nascida em Oakland, Califórnia, Estados Unidos, em 19 de fevereiro de 1952. Tan é a segunda de três filhos, de chineses imigrantes. Sua família viveu em várias comunidades do norte da Califórnia antes de se instalar em Santa Clara.

Na China, Daisy, mãe de Amy Tan, divorciou-se de um marido abusivo e perdeu a custódia de suas três filhas em Xangai e foi forçada a deixá-las para trás quando escapou no último barco que deixava a cidade, antes da invasão comunista em 1949.

Seu novo casamento, agora com John Tan produziu três filhos, Amy e seus dois irmãos. John era um engenheiro elétrico e ministro Batista que veio para a América para escapar do tumulto da Guerra Civil Chinesa. A tragédia atingiu a família de Tan, quando seu pai e seu irmão mais velho morreram de tumores cerebrais em menos de um ano.

Daisy mudou-se com seus filhos sobreviventes para a Suíça, onde Amy terminou o ensino médio, mas nessa época, ela e sua mãe viviam em constante conflito, com isso, não se falaram por seis meses após Amy Tan deixar o colégio Batista. Tan ainda desafiou sua mãe, abandonando o curso de Medicina e ingressando no de Língua Inglesa e Linguística. Ela recebeu seu título de bacharel e mestre nessas áreas, pela Universidade Pública de San Jose.

Em 1974, ela e seu namorado, Louis DeMattei casaram-se. DeMattei é advogado e assumiu a prática do direito tributário, enquanto Tan cursou o doutorado em Linguística, primeiro na Universidade da Califórnia em Santa Cruz, mais tarde, em Berkeley. Nessa época, ela desenvolveu um interesse em problemas de portadores de deficiência mental. Deixou, então, o programa de doutorado em 1976 e aceitou um emprego como consultora de desenvolvimento da Linguagem para a Associação de Cidadãos do Condado da Alameda, dirigindo, mais tarde, um projeto de formação para crianças deficientes.

Depois, Amy Tan passou a escrever para executivos, com isso, guardou dinheiro suficiente para comprar uma casa para sua mãe. Ela e seu marido viviam bem com suas duplas rendas, porém, quanto mais Tan escrevia sobre negócios, mais insatisfeita se tornava. Seu trabalho de escritora desse gênero tornou-se um hábito compulsivo, pois, cada vez mais, tinha que produzir algo criativo, o que a levou a insatisfação. Para aliviar esse sentimento, passou a estudar piano e jazz, aproveitando sua formação musical, a qual havia sido forçada na infância, por seus pais. E, então, começou a escrever ficção.

Com sua primeira história, “*The End of the Game*” (O fim do Jogo), conseguiu sua admissão na oficina do escritor *Squaw Valley*, onde recebeu os ensinamentos do romancista Oakley Hall. Parte dessa obra foi publicada em uma revista literária e reimpressa em *Seventeen*, uma revista para adolescentes.

Uma agente literária chamada Sandra Dijkstra, impressionou-se com a segunda estória de Tan, “*Espera entre as Árvores*”, e trabalhando juntas, Dijkstra encorajou Tan a completar um volume inteiro de novas estórias.

Porém, quando Amy ia embarcar nesse novo gênero literário, sua mãe adoeceu. A escritora prometeu a si mesma que se ela se recuperasse, a levaria para a China, para ver suas filhas que haviam sido deixadas para trás, quase quarenta anos antes. A saúde de sua mãe foi recuperada e conforme prometido, as duas partiram para a China em 1987.

A viagem foi uma revelação para Tan. O encontro com suas três meias-irmãs deu-lhe uma nova perspectiva sobre seu difícil relacionamento com a mãe e a inspirou a concluir o livro que tinha prometido a sua agente. Este incidente serviu de base para o seu primeiro romance, em 1989, que se tornou um best-seller pelo *New York Times*, o qual, mais tarde, teria por nome: “O Clube da Felicidade e da Sorte”.

Amy Tan tem um olhar maravilhoso para o que está dizendo, um ouvido fino para o diálogo, uma empatia profunda para seu assunto e uma forma simples de escrever. (Orville Schell, *New York Times*, 1989).

Tan terminou seu livro em um pouco mais de quatro meses. Após a sua publicação em 1989, o livro ganhou prestígio e passou oito meses no *New York Times* na lista dos mais vendidos.

Hoje Amy Tan é uma das romancistas mais populares dos Estados Unidos. Embora seus livros tenham como tema principal, a vida e as preocupações das mulheres asiático-americanas, suas histórias têm encontrado enorme aceitação entre os americanos de todas as origens, tendo também, sido traduzidas para várias línguas.

Tan foi destaque no desenho: *The Simpsons* (Os Simpsons) no episódio “*Poppy, The Insane Clown*” (Poppy, o Palhaço Insano) na temporada doze, episódio três. O segundo livro, de Tan, “*Esposa da Cozinha de Deus*”, foi publicado em 1991, seguido por “*Os Cem Sentidos Secretos*”, em 1995. Ambos os livros apareceram na lista dos mais vendidos do *New York Times*. Seu último romance, “*A Filha do Bonesetter*”, teve a publicação em fevereiro de 2001.

Os contos e ensaios de Tan foram publicados em *The Atlantic*, *Grand Street*, *Harper*, *The New Yorker*, entre outros jornais. Seu ensaio, "Língua Mãe" foi escolhido como o melhor do gênero, nos Estados Unidos, em 1991. Os livros de Tan são frequentemente incluídos como parte do currículo multicultural das escolas e colégios, o que a levou a escrever um discurso, "Leitura obrigatória e outros assuntos perigosos", que ela, desde então, vem divulgando em universidades de todo o país.

Tan escreveu os seguintes romances: "O Clube da Felicidade e da Sorte" em 1989; "A Esposa da Cozinha de Deus", em 1991; "Os Cem Sentidos Secretos" em 1995; "A filha de Bonesetter" de 2001; "Salvar Peixes" em 2005; "Regras para Virgens" em 2011; e "O Vale do Espanto" em 2012. Além disso, Tan escreveu dois livros infantis, "A Senhora da Lua", que foi ilustrado por Gretchen Schields em 1992; e "Sagwa, o Gato Siamês Chinês", também, ilustrado por Gretchen Schields em 1994;

Suas obras de não ficção são: "The Opposite of Fate: Um Livro de Pensamentos" em 2003; e "Mid-Life Confidential: The Rock Bottom Reminders".

No entanto, seu trabalho mais conhecido é a obra "O Clube da Felicidade e da Sorte" que foi traduzido para vários idiomas, entre eles, Holandês, Chinês, Japonês, Coreano, Espanhol, Alemão, Francês, Italiano, Português, Catalão, Finlandês, Norueguês, Checo, Sueco, Dinamarquês, Islandês, Russo, Croata, Polonês, Hebraico, Grego e Indonésio.

Segundo, Bella Adams após a publicação de seu primeiro romance, "O Clube da Felicidade e da Sorte" (1989), um crítico de um jornal norte-americano anunciou: "todo mundo adora Amy Tan. Ela é o sabor do mês, a coisa quente jovem, a voz exótica nova que está a dar esperança a uma indústria editorial cansada de tendências antigas". (Streitfeld, p.9).

Atualmente, Tan vive em San Francisco e Nova York com o marido, Lou DeMattei, seu gato, Sagwa, e seus dois Yorkshire Terriers, Bubba e Lilli.

### 3. RESUMO DA OBRA

Parcialmente inspirada pelo próprio relacionamento com sua mãe o livro, “O Clube da Felicidade e da Sorte”, foi o romance de estreia da escritora Amy Tan, publicado em 1989, onde conta a estória de quatro mulheres imigrantes da China, com suas esperanças, medos e passados trágicos, bem como as estórias de suas quatro filhas nascidas nos Estados Unidos. Esta é uma estória de mães e filhas que engloba inúmeros temas universais, como a esperança, família, amor, sacrifício, força e desejos de uma vida melhor. A obra é dividida em quatro capítulos com quatro seções cada, consistindo em dezesseis estórias interligadas.

Em 1949, as quatro imigrantes encontram-se na primeira Igreja Batista em São Francisco e concordam em continuar a se reunir para jogar o Mah-Jong. Elas chamam seu grupo de “O Clube da Felicidade e da Sorte”. As estórias contadas neste livro giram em torno das mulheres desse clube e suas filhas.

Após a morte de Suyuan, Jing-Mei (Junho) Woo, sua filha, que está com trinta e seis anos de idade, se junta ao clube, fundado por sua mãe na China durante a guerra. Esse clube é composto por quatro mulheres que jogam *Mah-Jong*.

Suyuan criou o clube como uma forma de melhorar e alegrar seus amigos durante a guerra. Seu primeiro marido morreu nesse período e ela foi forçada a abandonar suas filhas gêmeas, ainda bebês, ao lado de uma estrada. Logo depois, conheceu Canning Woo, casou-se com ele e mudou-se para a América. Lá, reiniciou o clube com outras três mulheres de sua idade: Mei-Hsu, Lindo Jong, e Ying-Ying St. Clair. As quatro mulheres e suas filhas, que são da mesma idade, crescem juntas e cada relação mãe e filha é cheio de raiva, tristeza e alegria.

Cada capítulo tem uma seção que é dedicada a uma mãe ou a uma filha, e suas estórias se entrelaçam, eventualmente, a tal ponto que a estória de Jing-Mei Woo e Suyuan torna-se um símbolo de realização para todas elas. As mães se aproximam de suas filhas como se elas estivessem jogando o *Mah-Jong*, pois sabem que a melhor estratégia é fazer com que todos e quaisquer movimentos sejam secretos para que a revelação venha no último minuto.

Dessa forma, as mães moldam suas filhas inconscientemente, passando uma preciosa herança da sabedoria chinesa, ou seja, fazer-se parecer como fracas e às vezes

ignorantes, mas, na realidade sendo fortes e inteligentes. Ao mesmo tempo, cientes da esperteza de suas mães, as filhas desenvolvem por elas, sentimentos de medo, amor, mágoas e temem repetirem a mesma estória.

Na primeira seção, ficamos sabendo que as mulheres mais velhas estão enviando Jing-Mei para a China a fim de encontrar com suas meias-irmãs, abandonadas durante a Segunda Guerra Mundial. Em seguida, cada mãe conta uma estória sobre sua própria infância na China.

Na primeira seção, "Penas de Milhares de Lis de Distância", Mei-Hsu se lembra de ver sua mãe, cortar um pedaço de seu braço para fazer uma sopa com a esperança de curar a sua avó.

Lindo Jong descreve como ela costumava acreditar em superstições para escapar de seu casamento arranjado com um rapaz de personalidade fraca e de sua mãe controladora, preservando assim a honra da família.

Ying-Ying St. Clair explica que quando ela era uma garotinha, foi separada de sua família no Festival da Lua e encontrou atores que executam a estória da *Lady Moon*, em uma peça de teatro, a qual assiste atentamente. Quando foi para dizer a Senhora da Lua sobre o seu desejo secreto, ela descobriu que a Senhora da Lua era, na verdade, apenas um homem escondido por trás de uma maquiagem. Embora tenha crescido com muitos privilégios, Ying-Ying aprendeu cedo que as mulheres devem manter suas esperanças e desejos para si.

Na segunda seção, "Os Vinte e Seis Portões da Maldade", as filhas contam suas estórias de infância. Waverly Jong lembra como ela se tornou uma campeã de xadrez nacional, mas se sente desrespeitada por sua mãe, Lindo, quando a exhibe publicamente a todos.

Lena St. Clair pensa em silêncio, desejando que ela pudesse curar Ying-Ying da depressão mortal em que ela se afundou depois de um aborto espontâneo.

Rose Hsu Jordan explica que, apesar do fato de seu irmão mais novo, Bing, ter se afogado quando era criança, Mei-Hsu, sua mãe, ainda espera pacientemente pelo seu retorno.

Jing-Mei se lembra de como Suyuan tentou transformá-la em uma Shirley Temple chinesa e um prodígio do piano, sem sucesso.

Na terceira seção, "Tradução Americana", as filhas contam estórias atuais sobre suas mães.

Lena tem medo que Ying Ying veja como o seu casamento está desmoronando.

Waverly finalmente chega a um acordo com sua mãe. Apesar do noivo da filha, Rich, ter passado uma terrível primeira impressão, Lindo fingi aprová-lo e age como se estivesse orgulhosa por sua filha.

Quando recebe os papéis do divórcio de Ted Jordan, Rose Hsu Jordan percebe que sua mãe quer que ela seja forte e livre, comparando-a com o crescimento excessivo e selvagem de seu jardim.

Enquanto isso, Jing-Mei recorda que Suyuan deu a ela um pingente de jade na noite em que ficou orgulhosa de sua filha.

Na quarta seção, "Rainha Mãe dos Céus Ocidentais", as mães contam histórias atuais sobre suas filhas, e Jing-Mei finalmente visita a China. Jing-Mei quer que Rose pare de ser submissa a seu marido, Ted. Na mesma linha, Ying-ying quer que Lena cumpra seu legado, impondo seus pensamentos para seu marido, Harold, pois ela deixou seu próprio espírito desaparecer quando se casou com ele.

No salão de cabeleireiro, Lindo reconhece que Waverly está com vergonha dela, mas quando se olham no espelho, percebem o quanto são parecidas. A seção termina com Jing-Mei e suas irmãs na China, todas maravilhadas com a forma como elas se parecem com sua mãe, Suyuan.

Enfim, cada mãe e cada filha lutam com as diferenças culturais e geracionais. As filhas tendem a ver suas mães como antiquadas, arrogantes e até ameaçadoras. Por sua vez, as mães estão irritadas com a falta que suas filhas apresentam por não terem o entendimento da cultura chinesa, as atitudes para com os homens e a satisfação em seus empregos. No final do romance, Jing-Mei cumpriu não só o legado de sua mãe, mas também os de todos os membros do "Clube da Felicidade e da Sorte".

#### 4. PERSONAGENS FEMININAS

Como vimos, quando essas quatro mães chegaram à América: Suyuan Woo, Mei-Hsu, Lindo Jong, Ying-Ying e St. Clair, levam como elas, suas bagagens emocionais. Suyuan tinha abandonado suas filhas gêmeas, a mãe de Mei-Hsu tinha cometido suicídio, a fim de dar à filha uma vida melhor, Ying-Ying havia abortado seu filho e Lindo havia usado sua astúcia para escapar de um casamento horrível. Todas foram para a América com a esperança de que suas filhas pudessem viver vidas melhores e menos trágicas do que suas próprias.

Suyuan é a fundadora do Clube da Felicidade e da Sorte. Tanto na China quanto na América, começa o clube, a fim de reunir uma comunidade de mulheres para comemorar a felicidade e a sorte na vida, apesar do sofrimento e dos obstáculos que enfrentam.

Na China, o sofrimento é viver a Guerra entre a China e o Japão e, na América, o desafio é lidar com as questões financeiras, uma nova cultura e uma nova língua. Através da fundação do clube, Suyuan mostra que ela não é do tipo de pessoa que senta e deixa a vida acontecer. Ao contrário, é empreendedora, ativa na busca de sua própria felicidade e está determinada a viver ao máximo, sem se importar com as circunstâncias que a cercam. Por isso, começou dois clubes da “Felicidade e da Sorte”, mostrando sua força de vontade e determinação.

Na China, ela nasce de família rica, casa-se com um oficial do exército e dá à luz a meninas gêmeas. Apesar de sua vida de luxo, quando ela ouve que os japoneses estão chegando à sua cidade e provavelmente vão matá-la e às suas filhas, Suyuan leva as meninas e suas posses em um carrinho de mão, deixando a cidade a pé.

Após a quebra do carrinho de mão, sua força se vai, e com a certeza de que iria morrer, ela fornece para suas filhas o melhor que podia naquele momento, colocando-as no lado da estrada com o dinheiro, valores, e informações da família, para que pudessem ser salvas. Porém, Suyuan não morre na China como esperava, mas perde toda sua família. Mais uma vez, a sua força de vontade triunfa; Suyuan é capaz de construir uma nova vida na América.

Ela se casa novamente, aprende a Língua Inglesa bem o suficiente, cria uma filha, e acaba por possuir um apartamento próprio. Suyuan acredita firmemente no sonho americano, ou seja, que uma pessoa pode chegar aos Estados Unidos e tornar-se rica,

famosa ou o que desejar ser. Sua percepção dos Estados Unidos está alinhada com os seus valores - Suyuan acredita que vai alcançar sua própria felicidade.

Mas ela também tem alguns defeitos. Ela sempre critica as pessoas e encontra falhas nos outros, talvez porque seja rígida com ela mesma. Suyuan critica a culinária de suas amigas, suas fraquezas de personalidade e as de sua filha, Jing-Mei. Para Suyuan, sua filha não se esforça. Um exemplo perfeito é quando tenta fazê-la tocar piano. Apesar de que seria bom se Jing-Mei se tornasse um prodígio do piano, Suyuan realmente quer é que sua filha tente tocar seriamente, e que não desista - tudo o que Jing-Mei se recusa a fazer. Suyuan vê a mesma falta de determinação na carreira acadêmica de sua filha, pois ela acaba por não terminar sua faculdade. Suyuan veio para os EUA, em parte, para dar a seus futuros filhos mais opções, por isso era difícil ver a filha desperdiçar as oportunidades disponíveis.

O nome de Suyuan significa "desejo adormecido." Percebemos que seu desejo adormecido é de se reunir com suas filhas gêmeas que deixou para trás na China. Esta é outra maneira pela qual Suyuan exhibe sua determinação: ela não tem esperança de que vá encontrar suas filhas, mas continua a trabalhar para localizá-las. Faz tudo ao seu alcance para encontrar as meninas, partindo em turnê pela China, escrevendo aos amigos e pedindo-lhes que procurassem suas meninas para cuidá-las. Seu trabalho é recompensado e as meninas são encontradas, mas apenas após sua morte, quando teve um aneurisma cerebral.

Mei-Hsu, a segunda mulher, vê a relação mãe-filha como extremamente corporal (que significa basicamente centrada no corpo), como poderia ser esperado de uma mulher que viu a mãe esculpir um pedaço de carne em um esforço para salvar a sua avó.

Mais tarde, a mãe de Mei-Hsu comete suicídio, a fim de dar à filha uma vida melhor. As primeiras histórias que ouvimos falar sobre Mei-Hsu é que ela tem personalidade fraca, o que significa que ela está muito vulnerável ao que as pessoas pensam. Mas isso não é verdade. Um dos traços mais fortes da personalidade de Mei-Hsu é a sua crença em *nengkan* – e em sua capacidade pessoal de realizar qualquer coisa que ela defina em sua mente. Mei-Hsu acredita em *nengkan* para cozinhar, para começar uma vida na América, criar sete filhos lá, e, eventualmente, livrar-se da culpa de ter afogado um deles, Bing.

Quando Mei-Hsu era uma garotinha, aprendeu com sua mãe, reprimida e infeliz, que se deve “engolir as lágrimas”. Na China, Mei-Hsu e sua mãe viviam em uma

sociedade onde não se podia defender-se e se tinha que sofrer em silêncio. Um dos desejos de Mei-Hsu em relação à própria filha, Rose, é que ela fosse capaz de se defender, algo que a mãe de Mei-Hsu era incapaz de fazer, e, portanto, viveu uma vida de sofrimento terrível.

Mei-Hsu era extremamente preocupada com sua filha, que, apesar de estar na América, parece incapaz de falar por si própria, deixando a vida acontecer sem muito controle. Mei-Hsu também quer lutar pela vida de Rose, porque não tentar, em uma situação desesperadora não irá mudar nada (como não mudou o fato de Bing ter morrido), mas pela a vida de Rose, Mei-Hsu acredita que vale a pena lutar.

Lindo, a terceira mulher é dura e complicada. Sua principal característica é a astúcia. Ela conseguiu libertar-se honrosamente de um casamento horrível, permanecendo fiel a si mesma e à vontade dos pais dela. Ela também aplicou sua astúcia para garantir um segundo casamento.

Parte da personalidade de Lindo é o egoísmo. Apesar de ter sido criada em uma situação relativamente repressiva, de ter sido forçada a um casamento horrível e ter sido tratada como escrava pessoal de sua mãe, Lindo tem uma forte consciência de si mesma.

Chorando no dia de seu casamento, Lindo percebe que seu próprio valor pessoal não pode ser diluído. Ela também reconhece os seus próprios pensamentos genuínos, que outras pessoas não podiam ver como o vento, poderoso mesmo que eles são invisíveis.

As características de Lindo estão de acordo com o fato de ter nascido no ano do cavalo, portanto uma trabalhadora. O clã Sun (seu nome de solteira é Sol) é conhecido por "pessoas inteligentes, muito fortes, difíceis, e famosos em vencer guerras." Isso é Lindo, descrita em poucas palavras.

Para Lindo o maior desejo é que sua filha Waverly tenha "requisitos americanos e caráter chineses". Waverly, por sua vez, não respeita sua mãe e raramente a ouve. Lindo sente que Waverly é a sua vergonha. Mas Lindo também vê muitas semelhanças entre ela e sua filha. As duas têm rostos semelhantes - todo o caminho até seus narizes tortos - e as suas frases, portanto, semelhantes. Lindo também percebe que, enquanto a filha definitivamente não é chinesa, ela mesma já não é completamente chinesa. Lindo assim como sua filha, tem duas caras – a chinesa e a americana.

Ying-ying é a mãe de Lena, um fantasma autoproclamada - mas ela não foi sempre assim. Através de seus flashbacks narrados, vemos como evoluiu de um espírito livre, menina, orgulhosa falante para um fantasma sem voz (que envolveu um marido fazendo trapaças ruins).

Nessa transformação, Ying-ying perde sua identidade e torna-se quase inteiramente passiva em seu casamento com Clifford St. Clair.

St. Clair tem boas intenções, mas ele faz coisas como mudar o nome dela para Betty e até põe seu ano de nascimento errado em seus formulários de imigração, mudando-a de um tigre (ela nasceu no ano do tigre) para um dragão.

Ying-ying para de se preocupar com sua vida e só se importa em ser uma esposa e mãe perfeita. Ela também tem uma superpotência: pode prever o futuro. Por exemplo, ela sabe que vai se casar com esse homem de personalidade fraca, antes que isso aconteça, ela também sabe que vai se casar com St. Clair, mais tarde, sabe que seu bebê não nascerá vivo, e também sabe que St. Clair vai morrer.

Mas Ying-ying só tem esse conhecimento de forma passiva, ela tem a ideia de que algo está destinado a acontecer e deixa ser assim. Por exemplo, mesmo que ela ache que o homem que será seu primeiro marido é rude, não faz nada para impedir o casamento. Ela também não agiu quando soube que seu bebê nasceria morto ou quando percebeu que o marido morreria de artérias obstruídas. O principal problema com a passividade de Ying-ying é que ela é um mau exemplo para sua filha, se tornou passiva e fantasmagórica também.

O casamento de Lena está caminhando para o desastre, mas ela não faz nada para impedir. Ying-ying quer que a filha seja ativa na criação de seu próprio futuro e não aja de forma passiva. Ying-Ying tem esperanças de que, dizendo essas coisas a Lena sobre sua própria história de vida trágica, ela possa preveni-la de ter um futuro tão triste quanto o dela.

Não importa quantos anos às filhas tenham, muitas vezes parecem adolescentes confusas e rebeldes - elas estão tentando descobrir quem elas são. As quatro filhas são: Jing-Mei (Junho) Woo, Waverly Jon, Rose Hsu Jordânia e Lena. Cada uma das filhas é como uma "tradução americana" de suas mães - elas têm muitos dos pontos fortes e fracos de suas mães, mas com a diferença de que suas vidas são vividas em San Francisco, CA, e não na China.

Quando pequena, Jing-Mei foi inflexível ao defender seu direito de ser quem ela era. Jing-Mei admite que poderia ter se tornado uma pianista digna se tivesse tentado. Mas em vez disso, ela fez o mais difícil e decidiu não ser uma boa pianista. Jing-Mei fica com seus sentimentos feridos com facilidade e tem uma forte tendência a pensar que só pode ser o que ela é hoje, nada melhor.

Jing-Mei não cresceu com as irmãs, mas vive sob a sombra de sua mãe que é extremamente capaz, orientada, uma grande cozinheira e também jogadora de *mahjong*.

Quando Suyuan morre, Jing-Mei, de repente, tem que assumir o seu lugar, não apenas substituindo-a no Clube da Felicidade e da Sorte, mas aceitando satisfazer o maior desejo de sua mãe, que era o de conhecer às filhas gêmeas, suas irmãs, e contar-lhes sobre a vida de sua mãe.

Grande parte deste livro é sobre o caminho que Jing-Mei percorre para a descoberta de sua mãe e para descobrir-se, ao mesmo tempo. Jing-Mei tem uma relação complicada com a mãe. Ela vê Suyuan originalmente como muito crítica e uma chinesa exigente, com opinião forte demais em relação a como sua filha deveria ser. Jing-Mei sente que decepcionou as expectativas de sua mãe, quem sempre se recusava a ver como era realmente. Por ter refletido em sua visita à China, Jing-Mei chega à conclusão de que sua mãe a amava muito.

Um momento importante é depois do jantar de ano novo, quando Jing-Mei leva o caranguejo de má qualidade para si, sendo desprezada por Waverly. Em todo este episódio torna-se claro que se Jing-Mei não sabe reconhecer quais são os caranguejos da melhor qualidade, então, não reconhece a "*melhor qualidade*" de si própria. Suyuan dá a Jing-Mei seu pingente verde de jade, para que entenda a "importância da vida". Suyuan diz à filha que jade não é uma pedra de boa qualidade, mas que fica mais bonita com o tempo. Jing-Mei é assim como a pedra jade: jovem, aperfeiçoando-se e aprofundando-se ao longo do tempo.

Jing-Mei tem muito para viver embora, ela não saiba, que isso acontecerá depois que sua mãe morrer. O nome Jing-Mei tem duas partes, "Jing", que significa a melhor qualidade ou essência de alguma coisa, e "Mei" que significa irmã mais nova. Basicamente, ela foi nomeada para ser a irmã mais nova que era suposta a ser a essência de suas irmãs gêmeas mais velhas perdidas. Todo o processo de encontrar suas irmãs ajuda a Jing-Mei a fazer as pazes com sua mãe. Além disso, quando se encontra com suas irmãs e cumpre o "desejo adormecido" de sua mãe, vê que ela e suas irmãs são muito parecidas com Suyuan.

Waverly é inteligente (a criança prodígio no xadrez), esnobe e competitiva. Ela usa sua competitividade nos jogos de xadrez, no seu relacionamento com Jing-Mei, e a sensação que fica, é de que a obtenção de seu emprego na Price Waterhouse também é de uma natureza competitiva.

Do seu relacionamento com Rich, vemos que gosta de ser a líder de todas as situações. Ao contrário de Lena e Rose, que tendem a ser submissas a seus maridos, Waverly descreve Rich como "um dálmata, ofegante e fiel, esperando para ser acariciado". Como sua mãe, Lindo, a Waverly é ferozmente independente, teimosa, e capaz de ser muito complicada.

No episódio dos caranguejos (que seria o último capítulo da Parte III), fica claro que Waverly, como sua mãe, exige o melhor. Waverly é, em certo sentido, o lado egoísta de Lindo. No entanto, ela é capaz de muito amor e carinho, como evidenciado por sua relação com Shoshana, sua filha.

Waverly, assim como todas as outras filhas na obra, tem uma relação tensa com a mãe. Waverly, como dito anteriormente, é independente e gosta de afirmar sua independência para sua mãe. Ela faz questão de não aceitar conselhos de sua mãe, mas espera a sua aprovação, especialmente nos relacionamentos românticos. Ela afirma que não quer opiniões de sua mãe em relação ao Rich, mas quer desesperadamente que sua mãe goste dele. Tende a usar a mãe como um bode expiatório para seus próprios medos e inseguranças.

Waverly também está envolvida em um monte de problemas culturais em relação à sua mãe. Lindo culpa o fato de que Waverly é "muito americana", dizendo que é "tarde demais" para que se torne chinesa. Pelo contrário, Waverly gosta de pensar em si mesma como uma chinesa, talvez porque seja "moda", ou talvez por estar prestes a se casar com um homem branco, portanto estar preocupada em não perder uma parte de sua identidade. De qualquer maneira, mesmo que ela queira pensar em si mesma como uma chinesa, com certeza, ela tem momentos difíceis para compreender sua mãe.

Rose é muito passiva. Ela gostava de se fazer de vítima para o seu marido, mas cansou-se pediu o divórcio. Ela então se recusa a assumir qualquer responsabilidade ou tomar decisões importantes, porque a tomada de decisões a deixa confusa.

No final de sua história, no entanto, Rose, de alguma forma encontra-se e impõe-se a Ted. Essa transformação parece acontecer durante a noite e é um pouco irrealista. Talvez seja apenas consequência do conselho de sua mãe, que finalmente deve ter calado fundo dentro dela. Parece que a vida de Rose vai ser muito melhor daquele momento em diante, e que ela aprendeu que podia falar a verdade sobre uma situação em vez de apenas se afastar tímida e com medo de dizer o que realmente pensa e sente.

Rose não tem uma relação hostil com a mãe. Quando sabe que sua mãe vai tentar convencê-la a lutar por seu casamento, tenta evitar. Quando a mãe a chama e lhe dá o conselho para se defender, Rose apenas desliga o telefone tão rapidamente quanto possível. Em seu relacionamento, Mei-Hsu vê os problemas no rosto de Rose, e quer ajuda-la, mas Rose nega-se, preferindo conversar com um psiquiatra à ter que falar com sua mãe. Até o final da estória de Rose, seu pensamento com relação a sua mãe parece mudar. Depois que Rose impõe-se em relação a Ted, dizendo que ela quer manter a casa após o divórcio, ela sonha que sua mãe está ajudando no seu paisagismo do jardim, plantando ervas daninhas. Isso é muito importante porque Ted amava um jardim arrumado, mas Rose decide que ela gosta dele coberto. Assim, em seu sonho, sua mãe a ajuda a fazer um jardim caótico. Na mente de Rose, ela agora vê sua mãe ajudando-a a alcançar a direção de seus objetivos.

O casamento de Lena é desequilibrado. Ela e seu marido devem dinheiro um ao outro, eles dividem tudo ao meio. Ela vive um casamento ruim e é tratada injustamente pelo marido, mas é muito passiva para fazer alguma coisa sobre isso. No relacionamento com seus pais, Lena foi muitas vezes o papel de intérprete para seus pais porque a mãe dela falava pouco inglês e seu pai não falava chinês. Mas porque as coisas que a mãe de Lena dizia poderiam ser prejudiciais para o pai de Lena, e ela teria propositalmente traduzido mal para preservar a paz entre eles.

O pai de Lena também muitas vezes apenas fez suposições sobre o que sua esposa quis dizer, colocando palavras em sua boca. Lena e seu marido parecem ter o mesmo problema de comunicação, mas eles falam a mesma língua. Lena diz alguma coisa, que não é exatamente o que ela quer dizer (ela ainda está jogando no papel de mediador) e Harold reinterpreta e coloca suas próprias palavras em sua boca. Como criança, Lena teve uma vida difícil, em grande parte por causa de sua mãe. Ying Ying, claramente emocionalmente perturbada e extremamente temerosa sempre preocupada com as coisas terríveis que aconteceria com ela e sua filha.

Lena podia ver que sua mãe tinha problemas, e, portanto, queria salvá-la. Lena, no entanto, nunca salvou sua mãe, quando Lena já era adulta, a situação se inverte e Ying-ying quer salvar sua filha. Embora Lena tente esconder seus problemas de casamento de sua mãe, Ying Ying não conseguia ver que sua filha estava cometendo os mesmos erros que ela já havia cometido em seu passado.

## 5. REFLEXÕES SOBRE A OBRA

“O Clube da Felicidade e da Sorte” é um romance de estórias dentro de outras estórias, formado por pessoas que se relacionam umas com as outras. Suas comunicações são entre as estórias que contam sobre si mesmas, sobre sua sociedade e sobre as suas tradições. Dessa forma, as personagens revelam seus conflitos e valores, seus pontos fortes e fracos. Um dos temas mais importantes do livro “O Clube da Felicidade e da Sorte” é o que acontece no confronto de culturas, americana e chinesa.

A incapacidade de se comunicar por causa do conflito de gerações é outro importante tema deste livro. Em um nível literal, as filhas falam muito pouco da língua das suas mães, o chinês, e o inglês. Em um nível figurativo, as filhas crescem sem angústias ou tristezas, de modo que elas não podem compreender suas mães e seus passados dolorosamente trágicos. Ao mesmo tempo, as mães não conseguem se comunicar profundamente com suas filhas e contar-lhes os detalhes de seus sofrimentos para elas. Esta tensão entre mães e filhas é uma chave para a compreensão das vidas das quatro mães chinesas e suas filhas americanas, que são as personagens centrais deste romance.

Usando essa tensão, Tan explora e revela o abalo emocional que resulta quando as esperanças e expectativas das pessoas são continuamente frustradas pela realidade de suas vidas. Amy Tan, introduz várias técnicas literárias, usando paralelismos, ou seja, a repetição de elementos semelhantes. Cada uma das quatro seções do romance começa com uma parábola breve, em itálico. Além disso, cada seção contém quatro estórias separadas, cada uma das quais será paralelas umas com as outras de várias formas.

Tan também usa simbolismo em sua obra, tais como, uma pessoa, um lugar ou objeto que representa algo além de si mesmo, como uma ideia abstrata ou sentimento. Inicialmente, ela usa o cisne em seu sentido tradicional como o conto de fadas para simbolizar a transformação. Como o patinho feio do conto de fadas, a feia criatura deve amadurecer e transformar-se em um belo cisne, da mesma forma como as mulheres não devem se deixar ser degradadas por seus maridos. Além disso, mudando para a América as mulheres acreditam que se transformarão em americanas, ou seja, em alguém a quem suas filhas poderão respeitar.

O mais importante, no entanto, é que as mulheres esperam que suas filhas ganhem o respeito e sejam transformadas em "criaturas que se tornaram mais do que aquilo que se

esperava".

A introdução da segunda parte do romance reforça o tema da falta de comunicação, especialmente. Mães e filhas são incapazes de se comunicarem umas com as outras por causa das barreiras da língua, da idade, e de suas personalidades contrárias. O encontro também sugere o tema do controle, pois as mães exercem um poder aparentemente arbitrário sobre suas filhas.

Na terceira parte há um choque entre gerações. Uma das filhas é elegante e moderna. Ela mora em um condomínio, que não é um lar, é somente um lugar caro, com uma "suíte máster". Compra móveis, elaborados e vistosos e parece muito preocupada com a aparência. A mãe, em contraste, está mergulhada nas tradições do passado. Ela vai à casa de sua filha para garantir-lhe boa sorte, pois sabe que seus bens não são um escudo contra desastres. Avessa ao materialismo superficial de sua filha, a mãe quer algo de valor duradouro: netos. Aqui, novamente, encontramos o tema do patrimônio. Quando a filha se olha no espelho, ela vê a si mesma, o que sugere que seus filhos se assemelharão à sua mãe. Esses acontecimentos transmitem a ligação entre gerações e os laços que ligam o passado ao presente.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este livro tem personagens que parecem com cada um de nós. Pessoas que experimentaram o amargo e o doce da vida. Através da vida destas mulheres, podemos identificar trechos da estória de vida de Amy Tan e, muitas vezes, das nossas próprias.

A obra é sobre a estória de quatro imigrantes chinesas e suas filhas, cada uma com personalidade marcante e bem diferente uma das outras. O fato de ser uma estória de imigrantes chinesas nos Estados Unidos não nos impede de nos sentir na pele das personagens e vivenciar o que elas passaram.

Amy Tan consegue dar características multidimensionais para cada uma das oito mulheres do livro e foi capaz de dar um peso emocional para cada uma delas. Personagens que nos parecem egoístas, à primeira vista, ganham profundidade depois de algumas páginas. A relação entre mães e filhas, o que elas aprendem uma com as outras e como o passado das mães pode refletir na personalidade e no relacionamento com as filhas e na própria estória delas é a parte mais marcante e é esse o ponto focal do livro.

Nesta obra, Tan escreve sobre relações familiares, e, principalmente, sobre a relação entre mães e filhas dentro da cultura sino-americana, revelando a colisão (e as crises desencadeadas) de culturas tão diferentes. Amy Tan mostra como pode ser difícil para as mães chinesas compreenderem que as suas filhas nascidas na América têm costumes, conceitos éticos e sonhos bem diferentes de si.

As relações, então, podem tornar-se muito dolorosas e complicadas. Um livro que traz estórias emocionantes e envolventes, sobre a dinâmica dos laços familiares e enfoca o relacionamento entre mãe e filha, mostrando como o tempo e o amor podem suavizar arestas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Adams**, Bella. "The Joy Luck Club". A Enciclopédia Literária. Universidade de Sunderland. Publicado pela primeira vez 30 de junho, 2002. [http://www.litencyc.com/php/sworks.php?rec=true&UID=464, acessado em 04 setembro de 2012.]

**Huang**, Guiyou (2006). Estudos Literários: asiáticos americanos. Columbia University Press.

**Leong**, Russell C. "Caminhos de Pedra, rios de tinta: O Mundo sino-americano através de seus escritores".

**Tan**, Amy, 1953. O clube da felicidade e da sorte; Tradução de Lia Wyler. – Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

**Tavernise**, Peter. "Jejum do coração: Mãe Tradição e Sistemas Sagrados em Amy Tan em "The Joy Luck Club". <http://www.mindspring.com/~petert/tan.htm>, acessado em 28 de agosto de 2012.